

BOURDIEU. Pierre. **Homo academicus**. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle, Rev. Téc. Maria Tereza de Queiroz Piacentini. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. 314 p. ISBN 978-85-328-0576-8

No campo da Ciência da Informação, as obras e o pensamento de Bourdieu aparecem timidamente conforme podemos constatar em uma rápida pesquisa exploratória / documental. Timidamente para um autor que trata de tantos assuntos que nos dizem respeito, entre eles o “campo científico” recheado de “capital cultura objetivado”. Atrevo-me a falar um pouco da obra *Homo Academicus* - recentemente lançada em língua portuguesa - ofereço a obra com breve apresentação do autor.

Pierre Bourdieu nasceu em Denguin, cidade localizada em uma região rural do sudoeste da França em 1º de agosto de 1930 e morreu em 23 de janeiro de 2002 em Paris. Foi considerado um dos intelectuais mais influentes do seu tempo e é o cientista social mais citado do mundo. Publicou dezenas de livros sendo que alguns merecem destaque aqui, entre eles a obra *Les héritiers* [Os herdeiros] que escreveu em coautoria com Jean-Claude Passeron em 1964, que dá início às obras de maior repercussão na sua produção, e é também o marco inicial das discussões sobre “capital cultural” e as estruturas de ensino. Em 1970, publica um novo sucesso intitulado *La reproduction* [A reprodução], onde apresenta a noção da “violência simbólica” também em coautoria com Passeron. Durante a década de 70, Bourdieu concentrou-se em estudos sobre os processos de diferenciação social que culminaram na obra *La distinction* [A distinção] publicada em 1979. Em 1980, apenas um ano depois, publicou *Le sens pratique* [O senso Prático] com intuito de situar sua “sociologia genética” como, segundo dizem alguns autores, ou como preferia o próprio Bourdieu - no caso de rótulos - um “estruturalismo construtivista” ou “construtivismo estruturalista”. Em 1984 publica *Homo Academicus*, que trata do sistema universitário francês do ponto de vista do poder simbólico que possui e da violência simbólica que exerce. Veio ainda *Le Pouvoir Symbolique* [O Poder simbólico] em 1989 e *Raisons pratiques* [Razões práticas] em 1994, além de várias outras obras que reproduziram conferências feitas por ele e que, muitas vezes, introduzem suas ideias de forma peculiar para não especialistas. Das obras citadas acima, apenas duas delas ainda não possuíam traduções lusófonas até 2011: *Les héritiers* e *Homo academicus*. Ao fim

de 2011 foi lançada a obra *Homo academicus* pela primeira vez traduzida para o português. É certo que a obra em francês e em espanhol já alcançava seu lugar nos estudos sobre Bourdieu desenvolvidos em língua portuguesa, mas o impacto de tê-la disponível na língua vernácula colabora para que suas ideias estejam ainda mais acessíveis.

O volume se compõe dos capítulos “Um ‘livro pra queimar’?”; “O conflito das faculdades”; “Espécies de capital e formas de poder”; “Defesa do corpo e ruptura dos equilíbrios” e “O momento crítico”. Além destes cinco capítulos que correspondem ao núcleo da obra, são apresentadas quase 40 páginas de anexos e ainda o Posfácio intitulado “Vinte anos depois” datado de janeiro de 1987 - o título faz claramente referência à “crise de maio de 1968”.

O campo para Bourdieu é local de dominação e conflito; nesta obra, ele aborda o campo universitário francês, retratando os espaços de dominação e conflito do qual ele mesmo faz parte e analisando seu próprio campo de atuação - interessante lembrar que, segundo o próprio Bourdieu, os campos devem ser analisados pelos seus pares, pois isso gera autonomia e legitimidade ao campo.

Por outro lado, salienta que aquele que faz a crítica ao ambiente imediato “deve esperar os tormentos da ‘perseguição subjetiva’”. Ele trata de esclarecer as dificuldades quando se toma como objeto um mundo social no qual se “está preso”, apresentando o “desafio que representa o estudo de um mundo ao qual se está ligado”. Desenvolve um discurso acerca dos agentes que “traem um segredo” dentro do grupo, no qual os mesmos que saúdam estes agentes, quando pertencentes a outros grupos, lançam suspeitas quando se trata do seu grupo - apresentando uma espécie de hipocrisia científica.

“Conhecimento erudito” e “conhecimento comum” são introduzidos - na obra - para sustentar que o conhecimento sociológico é suscetível de reducionismo interpretativo, salientando os riscos de mal entendidos na transmissão do discurso científico sobre o mundo social. Trata da posição do objeto inicial na articulação dos espaços sociais e, da mesma maneira, da posição do próprio pesquisador que participa desses diferentes espaços, com a “clareza e cegueira associadas”.

Os fundamentos e as formas de poder nas faculdades, sobretudo às vésperas de 1968, evocam a estrutura do campo do poder e a relação que o campo universitário mantém com ele, explicitadas por meio da própria estrutura do campo universitário e da posição que nele ocupam as diferentes faculdades e, dentro destas, as diferentes disciplinas.

A obra retrata diretamente as Faculdades de Letras, Ciências Humanas, Direito e Medicina com especial destaque para as análises sobre as duas primeiras. Apresenta os conflitos entre elas e entre as disciplinas, por meio de dados estatísticos gerados a partir de “indicadores pertinentes” (p. 68-70) e convertidos em gráficos de “Análise de correspondências” que permeiam todo o exemplar.

A crise de maio de 1968 é abordada diretamente em muitos trechos da obra, sobretudo nos capítulos 4 e 5, e muitas outras vezes, de forma subjetiva, delineando os cenários daquela “luta” ou descrevendo suas heranças (Pós-facio).

Por certo esta obra trata de uma crítica voraz ao campo acadêmico, porém norteadas por abordagens explicativas que fornecem limites à crítica pela crítica, e impõe a força de uma crítica apoiada na metodologia e na visão sociológica que conhece os limites da “força intrínseca da ideia verdadeira”.

Sobre a repercussão das ideias apresentadas na obra, destaco que no artigo “O legado sociológico de Pierre Bourdieu” – publicado no volume 19 da *Revista de Sociologia e Política* em novembro 2002, cuja autoria do artigo é de Loïc J. D. Wacquant, colega de Bourdieu e com quem ele produziu outros trabalhos entre eles *An Invitation to Reflexive Sociology* [Um Convite à Sociologia Reflexiva] – o colega de Bourdieu enfatiza que “*Homo Academicus* é uma análise impiedosa dos determinantes sociais da produção intelectual da universidade francesa – e portanto **dele mesmo, como um acadêmico**”. Yvette Delsaut, à certa altura da entrevista com Bourdieu – publicada na revista *Tempo Social* de junho de 2005 – comenta que a obra “*Homo Academicus*, por exemplo, não é um livro polêmico, no tom, mas é um livro violento”. Ao que Bourdieu responde “Sim, eu acho - **e também para mim, contra mim**. [...] é um livro violento mas, ao mesmo tempo, muito controlado. [...] é talvez o livro mais violento que escrevi, mas num sentido muito especial da palavra”.

Quanto à feitura da edição em português lançada pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vale ainda ressaltar que foi traduzida da versão original e traz uma excelente apresentação intitulada “Ler *Homo Academicus*”, assinada por Ione Ribeiro do Valle, que se preocupa em apresentar Bourdieu e a obra explicando cuidadosamente como deve ser lida, deixando claro o momento histórico no qual foi criada, que no original data de 1984; e adverte que “é preciso lê-la atendo-se ao contexto de fortes tensões em que foi concebida, isto é, ao universo universitário no qual e contra o qual ela se constituiu”.

Por fim, é bom frisar que mesmo sendo um livro que aborda veementemente o sistema universitário francês, não se limita a ele, como o próprio Bourdieu fez questão de esclarecer

em uma das suas conferências na Universidade de Todai (Japão) em outubro de 1989, quando afirmou para a plateia que não falaria sobre características japonesas aos próprios japoneses, e sim sobre a França, país que conhecia bem, não somente porque era nascido lá ou por falar sua língua, mas porque havia estudado muito sobre ele. E acrescentou “Isso quer dizer que ficarei fechado na particularidade de uma sociedade singular e não direi nada sobre o Japão? Não creio. Ao contrário, acho que, ao apresentar o modelo de espaço social e de espaço simbólico que construí a propósito do caso particular da França, falarei sempre do Japão (como, falando alhures, falarei dos Estados Unidos ou da Alemanha)”. E após esta fala, ele mesmo faz um convite à plateia, que aproveito aqui para fazer das suas as minhas palavras na leitura da obra aqui tratada: “Para que o discurso que lhes diz respeito – e que pode parecer carregado de alusões pessoais, quando falo do ‘*Homo academicus*’ – seja inteiramente inteligível, gostaria de encorajá-los e ajudá-los a **ultrapassar a leitura particularista** [...]”.

Boa Leitura!

Por: Elaine de Oliveira Lucas
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI
Universidade de São Paulo – USP
Professora do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação – DBI
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
lan@udesc.br